

ARQUITECTURA



ARQUITECTURA

S U M Á R I O

ARQUITECTURA

Moradia na encosta de Ajuda, Arq. Pires Mertins	2
Um Club Náutico, Arq. Francisco José de Castro	9
Estádio para o C. F. os «Belenenses», Arqs. Carlos Manuel Ramos e Jorge Viana	12
Concurso de Strasbourg	16

ARTIGOS

A Crítica e o Melindre — Os preconceitos de classe e a falta de moral social — Arq. José Rafael Botelho	7
---	---

ARTES PLÁSTICAS

Tecidos desenhados	6
Montres	20

SECÇÕES

Ecos e Notícias	23
Livros e Revistas	24

DIRECTOR: ARQ. ALBERTO JOSÉ PESSOA - EDITOR: ARQ. JOÃO SIMÕES - PROPRIEDADE DE INICIATIVAS CULTURAIS ARTE E TÉCNICA, L. C. A. T. LDA. - COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: SOC. TIPOGRÁFICA, LDA., TRAVESSA DAS NERGÊS, 4 A 10-LISBOA - ADMINISTRAÇÃO: RUA DR. ALEXANDRE BRAGA, 8, 1.º LISBOA TELEF. 43367 - GRAVURAS DA POTOG, MARTINE & FERREIRA, LDA. R. INFANTE D. HENRIQUE, 60, 2.º - ASSINATURAS: PORTUGAL E ESPANHA: 5 NÚMEROS, 54800; 12 NÚMEROS, 100800 - COLÓNIAS PORTUGUEZAS E BRASIL: 12 NÚMEROS, 120800 - OUTROS PAÍSES, 12 NÚMEROS, 190800 AS ASSINATURAS SÃO PAGAS ADIANTAMENTE E INICIAM-SE EM QUALQUER NÚMERO. DELEGAÇÃO NO NORTE: ATELIER DOS ARQUITECTOS ARMÉNIO LOSA E CARRIANO BARBOSA - RUA MARALHÃES LEMOS, 111, 2.º - PORTO ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ANO XXIV • 2.ª SERIE • NÚMERO 43 • AGOSTO 1952

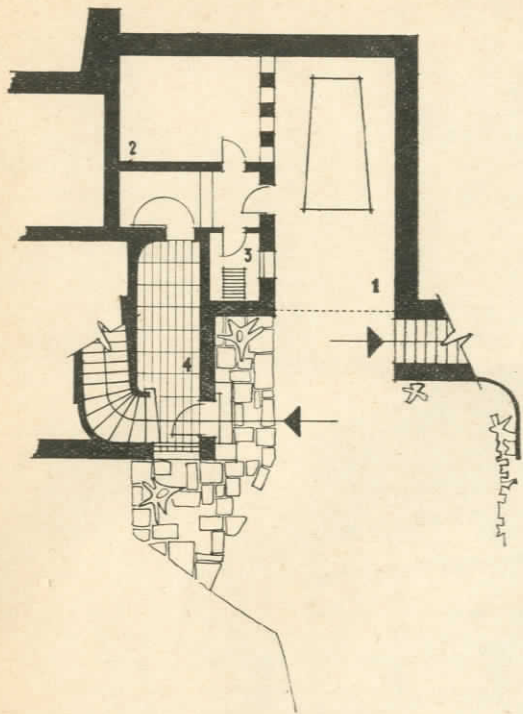
ESTE NÚMERO FOI ORGANIZADO PELOS ARQUITECTOS KEIL AMARAL, CONCEIÇÃO SILVA E RAFAEL BOTELHO



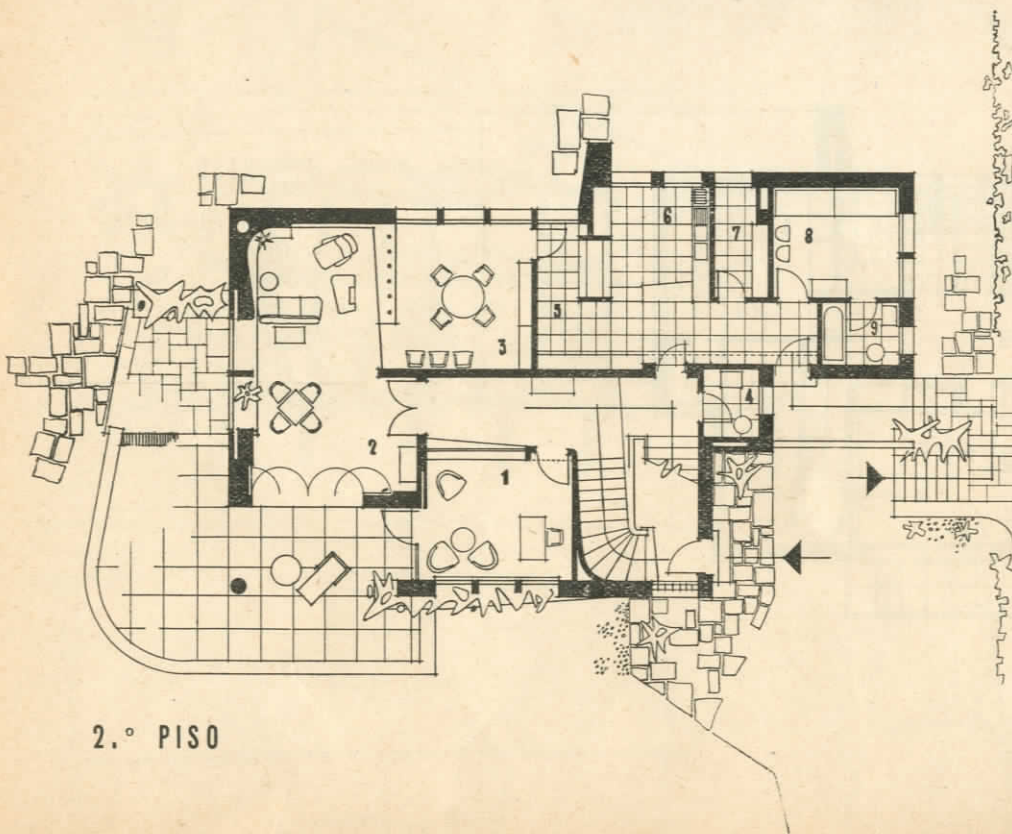
MORADIA NA ENCOSTA DA AJUDA

ARQUITECTO ARTUR PIRES MARTINS





1.º PISO



2.º PISO

sala de jantar

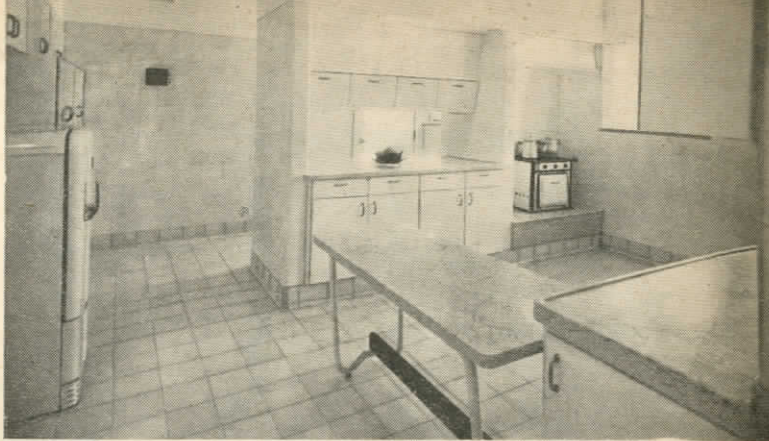
1.º PISO

1. Garagem
2. Arrecadação
3. Aquecimento
4. Entrada

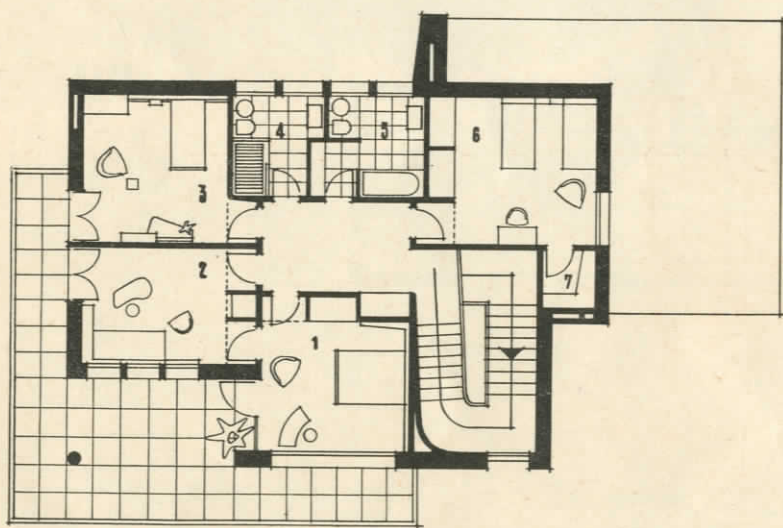
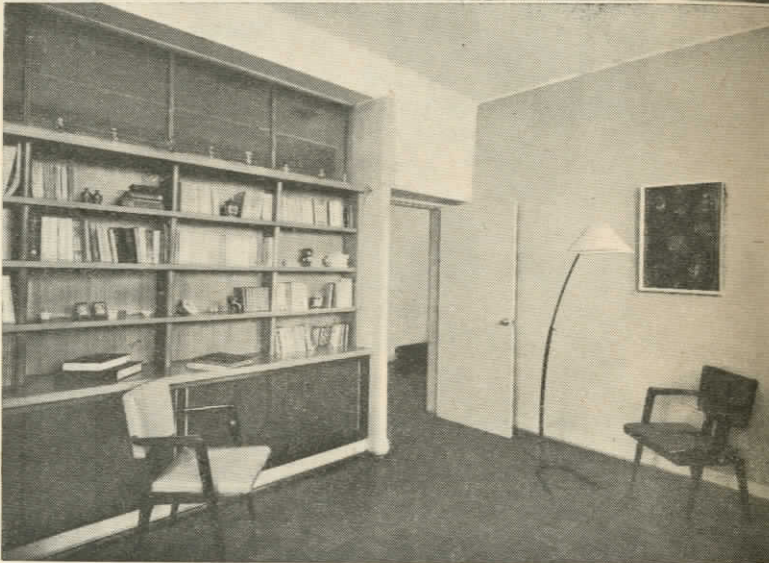
2.º PISO

1. Escritório
2. Sala de estar
3. Sala de jantar
4. Lavebo
5. Copa
6. Cozinha
7. Despensa
8. Quarto criadas
9. Casa de banho

visla da cozinha e copa



ângulo do escritório



3.º PISO

1. Quarto principal
2. Quarto
3. Quarto
4. Duche W. C.
5. Casa de banho
6. Quarto de hospedes
7. Roupeiro

Situada na Av. D. Vasco da Gama, no Bairro Residencial da Encosta da-Ajuda, esta casa está construída num lote com aproximadamente 1.100 m. q., rodeado de moradias.

A forma sensivelmente quadrada do terreno e a sua elevação em relação ao arruamento, assim como o desenvolvimento do programa no número de compartimentos, condicionaram a solução adoptada.

A moradia compõe-se de dois pavimentos, e uma garagem situada numa pequena cave, esta, resultante do critério de implantação, que teve como objectivo, o aproveitamento das condições do terreno e a possibilidade de dar aos compartimentos principais mais amplas visitas.

O acesso, constituído por uma rampa aberta a um lado do terreno, serve a garagem, a entrada principal e a de serviço, permitindo defender e tornar mais íntima a casa e a zona ajardinada que a envolve e que dela faz parte.

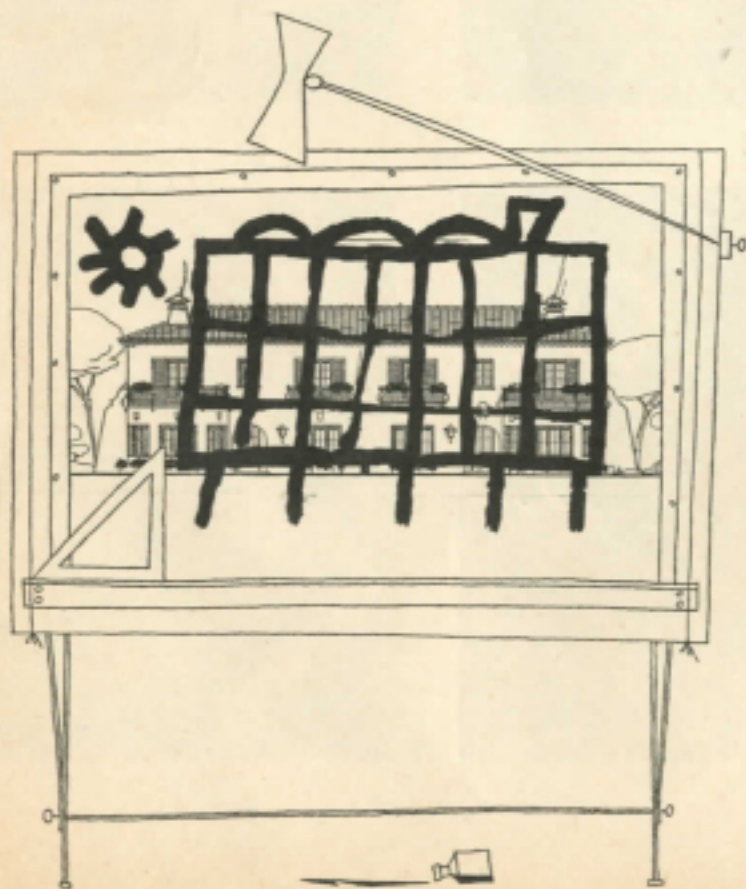
As dependências que constituem no R/C. as zonas de estar e de serviço, como a zona íntima situada no 1.º andar, foram racionalmente distribuídas, tendo em vista não só o melhor aproveitamento do espaço e a melhor orientação, como também, a defesa da vida interior da vizinhança muito próxima das construções que a *envolvem*.

A sala de estar e jantar assim como o escritório, abrem para um terraço, ao nível do jardim, com envidraçados protegidos por portadas interiores que embebem nas

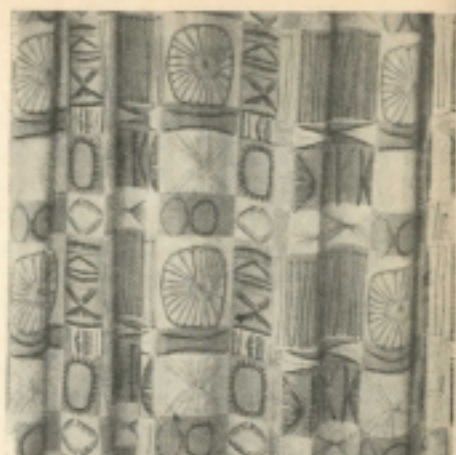


paredes. Todos os compartimentos estão providos com armários e estantes, conforme as necessidades e com vista a um agradável arranjo dos interiores.

Exteriormente as fachadas traduzem com simplicidade a mecânica da compartimentação, tirando o arquitecto, um partido correcto e agradável dos materiais empregados. Na fachada lateral esquerda e sobre a porta de entrada um desenho de Júlio Pomar executado com pequenos mosaicos de cerâmica vidrada, constitui como que o motivo decorativo em evidência da moradia, sendo também do mesmo pintor, um outro trabalho com cimentos coloridos que reveste o muro da escada de serviço com um assunto e uma técnica de seguir em futuros trabalhos.



Desenho de João Abel
especial para
Arquitectura



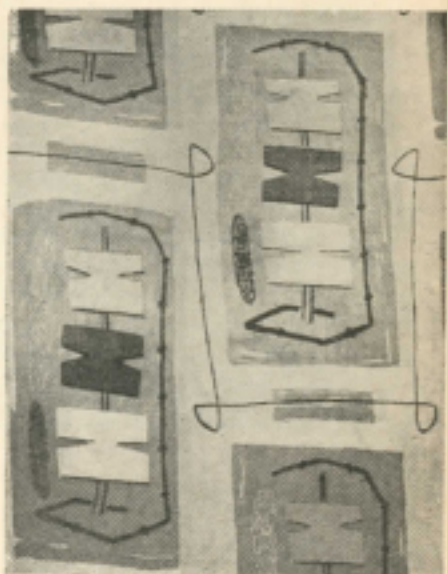
1

2

TECIDOS PINTADOS



3



4



5



6

- 1-2. Tecido em algodão
desenhado por Terence
Conran.
3. Desenhado por H.
Dalton Clifford.
4. Pintado em linho por
Jane Edger.
5. Pintado em Rayon
por C. Wybrants.
6. Pintado em Rayon
por Hilda Durkin.

A CRÍTICA E O MELINDRE

OS PRECONCEITOS DE CLASSE E A FALTA DE MORAL SOCIAL

ARQUITECTO RAFAEL BOTELHO

Parece oportuno chamar a atenção para a palavra «crítica», trazendo à baila, mais uma vez, o seu valor e significado.

O espirito critico é próprio do Homem, intervindo quase sempre em todas as suas criações. A análise critica é um factor de inestimável valor construtivo, que, normalmente, intervém em todas as suas actividades, nomeadamente as artes, figurando como mola real no progresso da humanidade.

Não é pois para admirar que muitos homens tenham dedicado a sua vida, integralmente, ao estudo da critica ou ao seu exercicio; que se tenham publicado milhares de obras de critica, versando os mais variados assuntos, por todo o mundo, lidas e relidas por milhares de pessoas, levando a toda a parte os seus extraordinários beneficios.

As próprias Artes têm dado sempre muito que falar e, embora actualmente entre nós o futebol lhes leve a palma, a verdade é que alguns periódicos há ainda que se lhe dedicam inteiramente, e muitas vezes até de maneira especializada.

Na maioria dessas publicações, contudo, a critica, por desgraça nossa, não tem de critica mais do que o nome. No entanto, o próprio facto de a incluírem traduz bem o reconhecimento da sua necessidade e a importância que se lhe atribue.

Apesar de tudo não há dúvida que muita critica se tem feito, boa e má, em matéria de literatura, de música, de pintura, de escultura (há até programas radiofónicos especiais para algumas) não se podendo já dizer o mesmo da architectura, da qual há muito pouca, e quando há ou deixa muito a desejar, ou é perigosamente má.

É caso para lastimar, tanto mais que a architectura é de todas as artes a que tem maior presença e maior influência na vida do Homem e como tal, ousa até dizer, maior importância. E não há dúvida de que assim é, se repararmos que a seu respeito toda a gente tem sempre opiniões, que emite apaixonada e interessa-

damente, e muitas vezes até interesseiramente, (ligada como está aos seus interesses materiais).

A razão da falta de critica parece residir no facto de a architectura ser uma arte de natureza diferente, que deve considerar-se também uma ciência, e portanto duma complexidade maior.

Realmente é raro fazer-se critica de architectura, pelo menos entre nós, e isso por duas razões. Primeiro, porque os que geralmente ensaiam fazê-la e a escrevem não são criticos, verdadeiros conhecedores do assunto; depois, porque aqueles que teriam preparação para a fazer raramente a concretizam e ainda menos a trazem a lume. É certo que o conhecimento da architectura exige uma preparação especial, e que, se não contarmos com os da especialidade, não há nada feito. E a estes tem estado vedada a critica por várias razões. Uma delas, por absurdo que pareça, é o melindre.

Eu creio que o melindre é pecha corrente que se manifesta geralmente entre officiais do mesmo officio, mas coisas «melindrosas» não tem cabimento na verdadeira critica. A critica e o desassombro fazem-nos falta.

Deve contudo notar-se que muitas vezes a culpa vem de trás e que há mais outras razões que tem influido na falta de divulgação critica.

Realmente, aqueles raros a quem é dado fazer critica por dever de profissão parece não conhecerem o nosso vocábulo «critica construtiva», o tal que pretende substituir o velho significado da palavra grega *krinein*, contribuindo assim para o seu descrédito.

Por outro lado há ainda aqueles que, obrigados a aparecer por deveres de posição nos assuntos da architectura, e que, por razões dessa mesma posição, deveriam respeitá-la, ou pelo menos conhecer o bom sentido da critica, se permitem abusivamente desvirtuá-la, impondo opiniões pessoais, arbitrariedade que infelizmente tem quase sempre carácter decisivo.

O mal vem ainda e principalmente da própria Escola, porquanto na formação do architecto se tem menosprezado sistematicamente o valor formativo da critica.

A própria orgânica escolar desconhece o espírito crítico. E não só é de arripiar uma escola cujo espírito assenta em tais princípios negativos, mas ainda mais quando é constituída por professores que normalmente também descuram a crítica, e que não raras vezes ainda combatem com violência qualquer vislumbre de crítica por parte dos alunos. Os alunos, desgraçadamente, costumam ser esmagados por uma autoridade de carácter dogmático, à qual se devem atribuir as mais graves responsabilidades.

O arquitecto sai pois da escola sem qualquer espécie de formação crítica, e vem encontrar cá fora um ambiente acritico, mas agora por outras razões, estas principalmente de pseudo-ética profissional.

É contudo óbvio que a crítica de arquitectura é indispensável. É um caso de força maior, de integridade profissional, de moral social, que se nos impõe. A ausência de crítica, especialmente entre nós, tem contribuído não só para o avanço lento da architectura, como também tem criado grandes barreiras ao seu progresso. A ausência de crítica, mais de que tudo, tem permitido a formação de vícios de conhecimento, deixando grassar ideias obsoletas e absurdas que tomam vulto e nos impelem muitas vezes para becos sem saída.

À crítica reconhecem-se, pelos menos, duas vantagens: servir os profissionais de uma maneira geral, nomeadamente aqueles a quem é dirigida, e ainda, o que não é menos importante, contribuir para a formação e vulgarização de uma autêntica cultura architectural, pela expansão de conceitos justos, de noções verdadeiras, que sempre a acompanham. A negação, pela ausência, destas afirmações, que traduzem verdadeiros factores de cultura, reflectem-se de uma maneira desastrosa na obra architectónica.

O arquitecto (melhor, o projectista, porque desgraçadamente na nossa terra a responsabilidade ainda tem que ser repartida por técnicos com competência para outras coisas, mas a quem é dado o privilégio de poderem também mexer nas nossas...) não é orientado pela crítica, e o seu caminhar é vacilante ou perigosamente inseguro, por inadvertido.

Simultaneamente o cliente (o público em geral), agarado à sua ignorância ou formação defeituosa sente-se capaz de solicitar do arquitecto as coisas mais absurdas. Sem ser esclarecido e orientado, fica sujeito às habilidades dos oportunistas, dos trapalhões (e há tanta gente a quem é dado fazer architectura), como uma criança abandonada no meio da malandragem.

A falta de crítica cria a falta de advertência e permite que se coma e se sirva, amiudadas vezes, gato por lebre. Negar ao público o apoio que ele está habituado a receber em relação às outras artes e que constitui uma

espécie de salvo-conduto para entrar esclarecidamente no seu campo, parece o maior dos erros, o maior dos crimes.

Em todas as outras artes, oficiais do mesmo officio exercem o direito e o dever de criticar em buscas porfiadas, em análises concretas nos trabalhos alheios, procurando acertar, caminhar, discernir, com a ajuda de estranhos, isto é, de críticos não da profissão, mas esclarecidos. É preciso proceder de igual modo, seguir-lhes o exemplo, e embora não podendo contar com a ajuda de críticos fora da profissão (parece um caso comprovado), não devendo desprezar as vantagens enormíssimas de uma tal actividade.

Há que lutar contra a inércia, o atavismo, a falta de preparação e de exercicio, não abdicando, sempre que uma oportunidade surja, de procurar construir sem ser exclusivamente fazendo projectos, mas fazendo criticas. Criticas essas que poderão contudo tomar a forma de projectos.

Teremos que passar por cima de todos esses mal compreendidos conceitos de classe (tão vulgarmente divulgados em todas as classes) que nos tolhem o passo a cada momento.

A falta de uma crítica acertada e persistente, saída a lume, é nefasta. Os preconceitos, os melindres, não são nada comparados com a importância da profissão. Aliás a defesa duma profissão nem sempre concorda com os interesses dos seus profissionais, mormente quando uma profissão pode ser exercida por profissionais de outros officios.

O melindre, a possível pseudo-ética profissional, ainda quando realmente afectada, não podem nem devem sobrepor-se aos deveres sociais de uma actividade profissional. E a ausência de crítica ajuda a afastar-nos desses deveres.

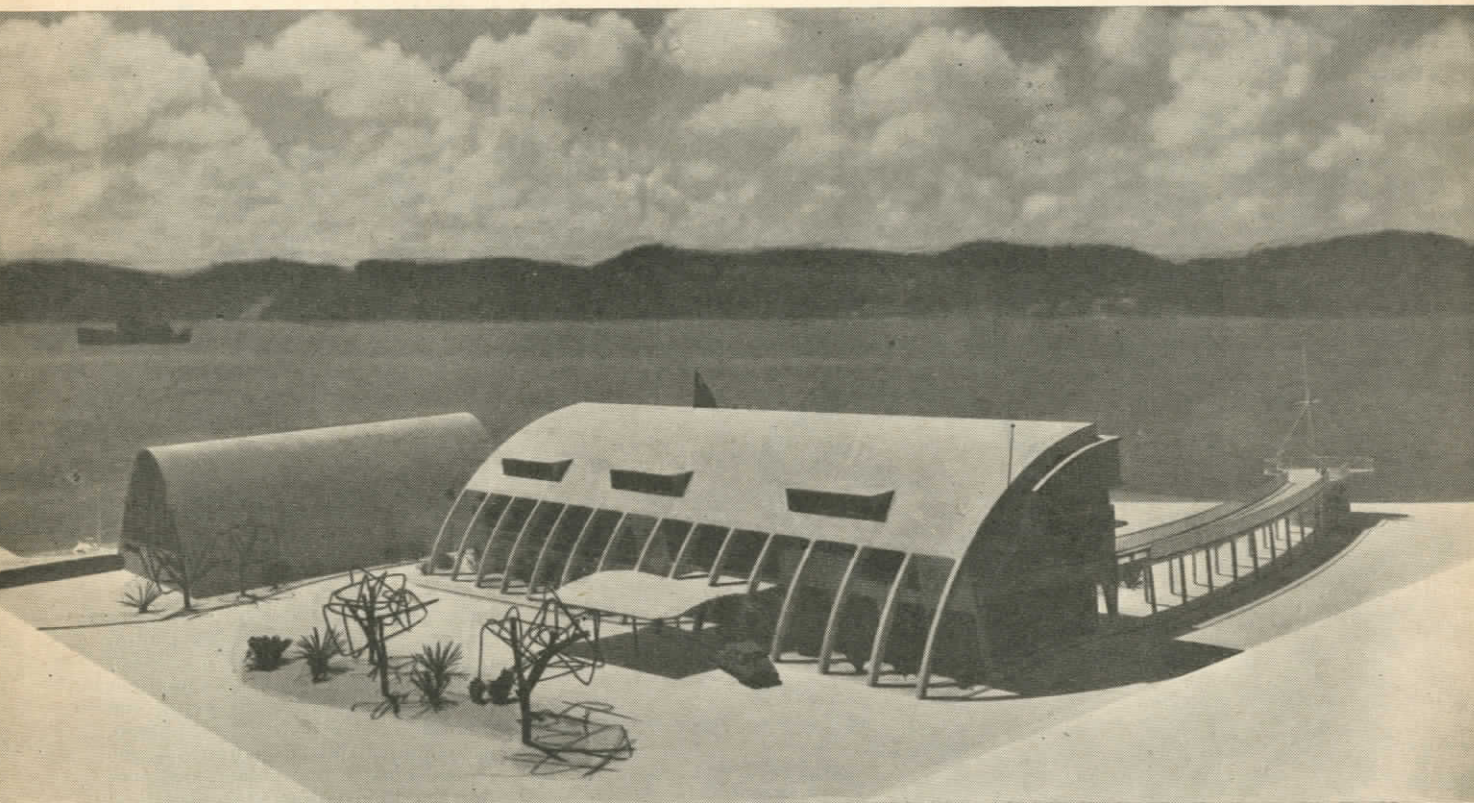
Lutar por melhorar a Architectura, elevando-a de forma a poder contribuir integralmente com o muito que dela há a esperar para o bem da Humanidade, procurando melhores fontes de alegria, permitindo espalhar maior número de habitações, proporcionando ambientes mais salutarres, ordenando, vivificando, impondo-a como valor estético-formativo de inegalável valor e extensão social, não é coisa que possa ser bombardeada ou dificultada por tais preconceitos.

Há aqui uma inversão de valores que é preciso reajustar. Temos que pôr os pontos nos is, que nos libertar dos fantasmas. Não devemos calar-nos, cruzar os braços, só porque o significado da palavra «crítica» se presta a confusões.

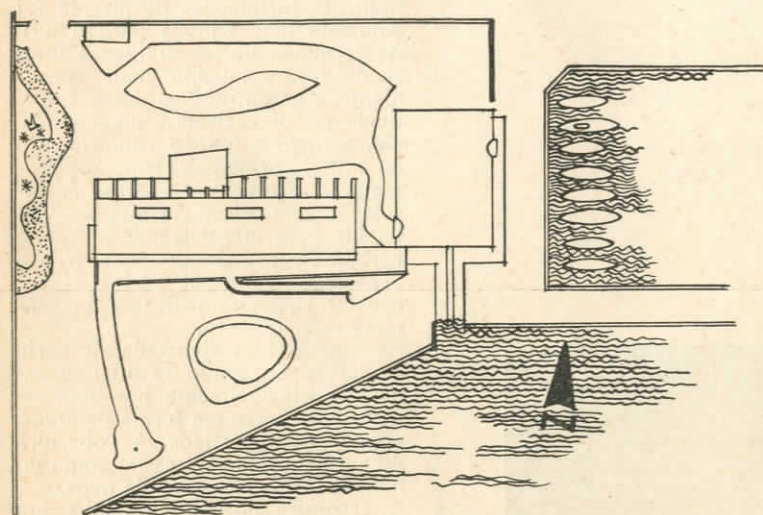
A crítica honesta é sempre constructiva e absolutamente indispensável para que a finalidade da Architectura possa vir a verificar-se integralmente.

José Rafael Botelho

UM CLUBE NAUTICO



ARQUITECTO FRANCISCO JOSÉ DE CASTRO



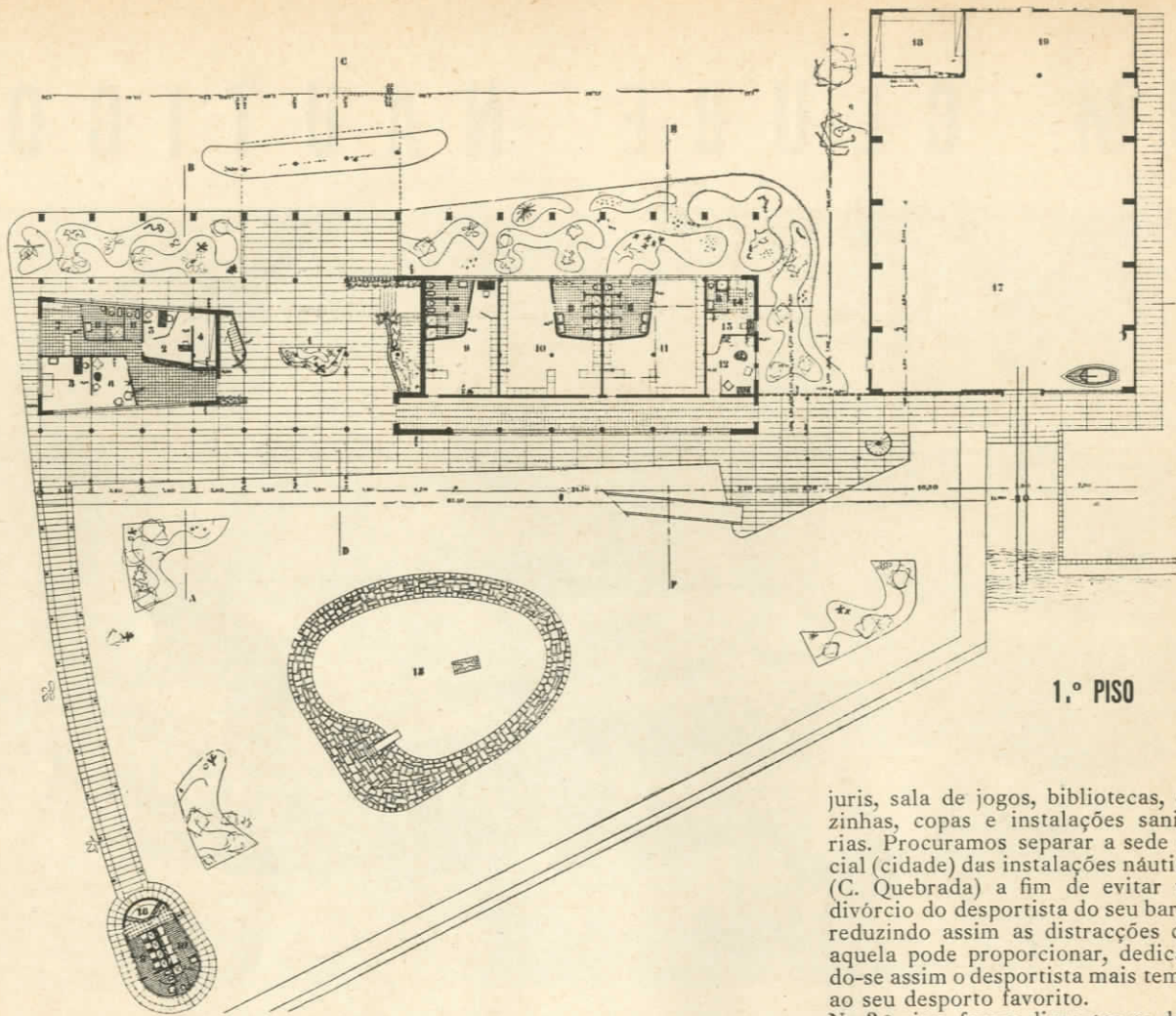
PLANTA DO CONJUNTO

Este Clube Náutico, destinava-se a ser construído na Cruz Quebrada, junto da foz da Ribeira do Jamor. Seria servido pela estrada marginal através de um arruamento passando por baixo da ponte do C. F. e ainda servido por este.

A configuração topográfica do terreno e a sua orientação foram aproveitadas salvo ligeiros ajustamentos, assim como a criação da doca dos barcos de recreio para tirar delas o melhor partido para a valorização funcional e estética do conjunto, do plano de melhoramentos do Porto de Lisboa. Assim foram também aproveitados os espigões da foz do Jamor para uma melhor protecção à varagem e içar dos barcos para o hangar de recolha.

A construção foi distribuída em 3 pisos ficando o 1.º piso a cerca de 3^m do nível do mar, e destinado aos desportistas, serviços de secretaria, médicos e instrutores, instalações para o guarda e piscina e hangar para a recolha dos barcos com uma pequena oficina de pintura e carpintaria e armazém.

No 2.º piso, foi instalada a zona social, composta de Restaurante e bar, sala da direcção e reunião de



1.º PISO

- | | |
|---------------------------|-----------------------|
| 1. Entrada | 11. Vest. rapazes |
| 2. Secretaria | 12. Quarto sala |
| 3. Chefe da secretaria | 13. Comedouro |
| 4. Arquivo | 14. Cozinha |
| 5. Gabinete do médico | 15. Piscina |
| 6. Sala de espera | 16. Roupeiro |
| 7. Vest. instrutores | 17. Hangar |
| 8. Instalações sanitárias | 18. Arr. de velas |
| 9. Vest. senhores | 19. Pintura e oficina |
| 10. Vest. homens | 20. Rampa |

juris, sala de jogos, bibliotecas, cozinhas, copas e instalações sanitárias. Procuramos separar a sede social (cidade) das instalações náuticas (C. Quebrada) a fim de evitar um divórcio do desportista do seu barco, reduzindo assim as distrações que aquela pode proporcionar, dedicando-se assim o desportista mais tempo ao seu desporto favorito.

No 3.º piso, foram dispostas as duas aulas (sendo uma de marinharia) e uma pequena pousada.

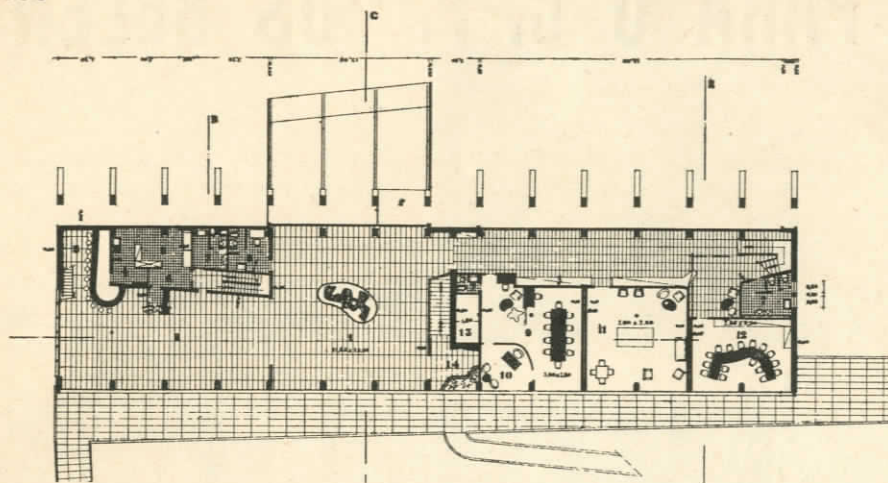
No hangar, sobre a oficina e armazem, foi disposta uma instalação para a lavagem e secagem de velas. Sobre as instalações da piscina foi colocada uma tribuna para o júri. As dependências foram ligadas entre si da forma julgada mais conveniente e garantidos os acessos verticais por 4 escadas e uma tampa. Um terraço a todo o comprimento do edificio principal, elementos protectores, evitando o excesso de insolação vem de um certo modo contribuir para que o conjunto resulte agradável, permitindo uma franca exposição a Sul de várias dependências. Uma piscina de recreio completa este conjunto.

Na construção seria usada alvenaria de perpaucho, sendo o edificio constituido principalmente por uma estrutura de betão em forma de arcos, apoiados em pórticos. A cobertura do edificio principal assim como do hangar seria em «casca de ovo».

A estrutura do edificio tinha em vista, uma menor resistência aos ventos locais, (encanados pelo vale do Jamor) e um bom escoamento de águas pluviais.

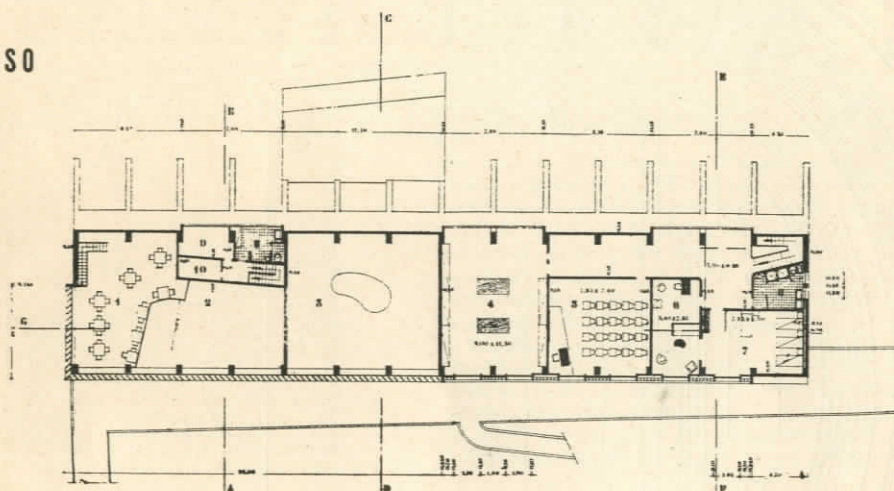


2.º PISO



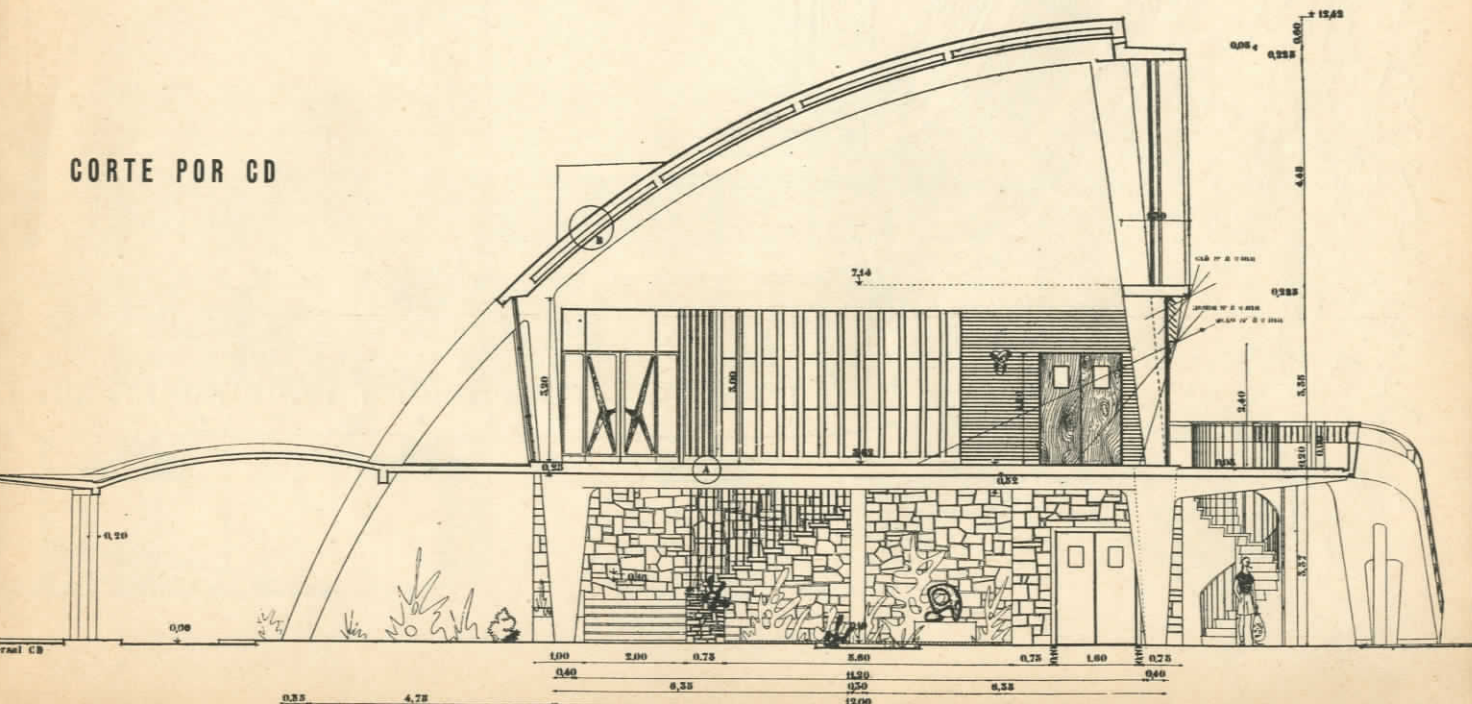
1. Hall
2. Restaurante
3. Bar
4. Copa
5. Cozinha
6. Copo : Limpos
7. Sanitária H
8. Sanitária S
9. Direcção
10. Gabinete do director
11. Sala de jogos
12. Biblioteca
13. Vestiário
14. Vestíbulo
15. Vitrine para taças
16. Hanger
17. Lavagem de velos
18. Tribuna

3.º PISO



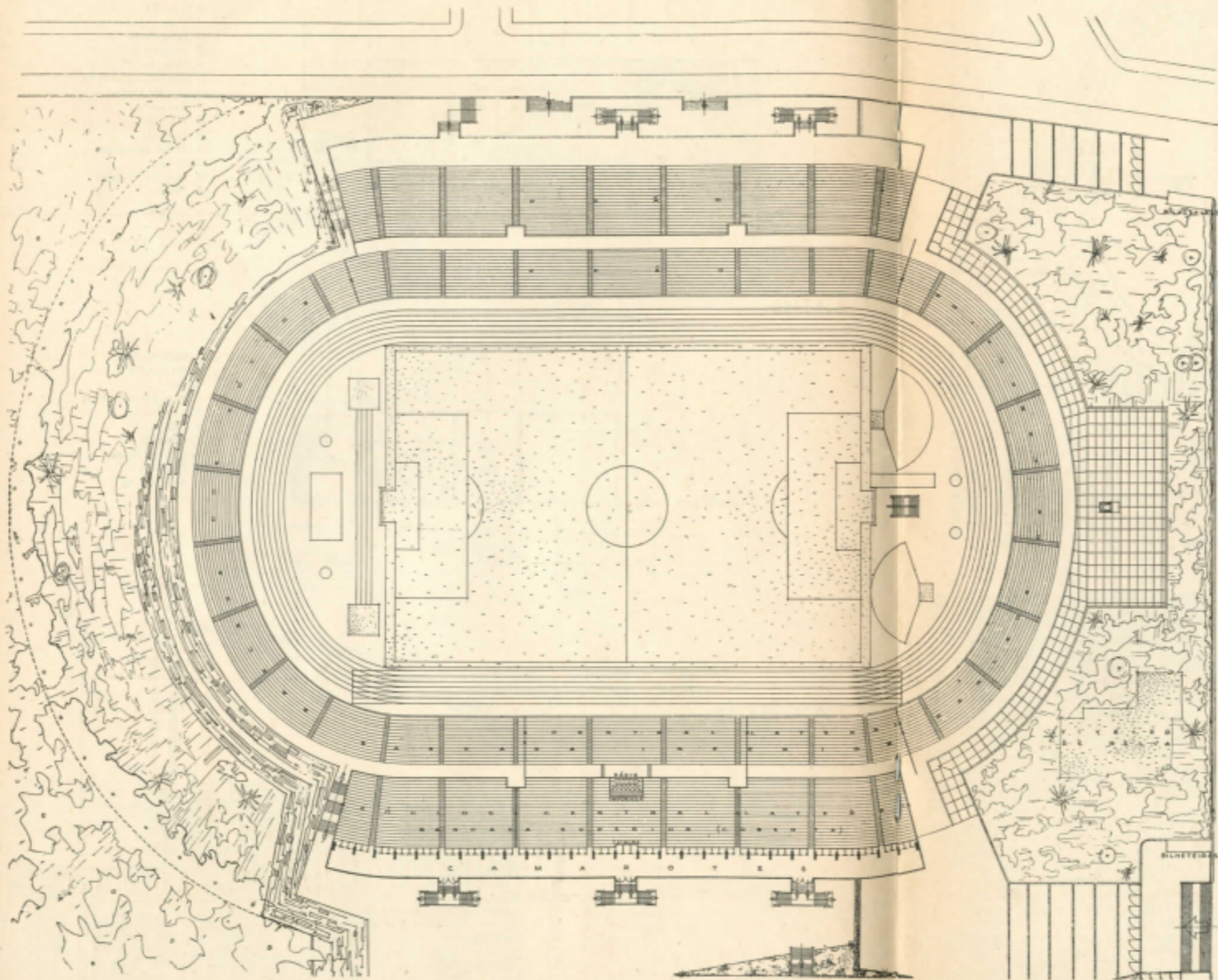
1. Varanda
2. Restaurante
3. Hall
4. Aula de marinharis
5. Aula teórica
6. Sala
7. Camarata
8. Inst. sanitárias
9. Despensa
10. Arrecadação

CORTE POR CD



ESTÁDIO PARA O C. F. "OS BELENENSES"

ARQUITECTOS
CARLOS MANUEL RAMOS
E JORGE VIANA



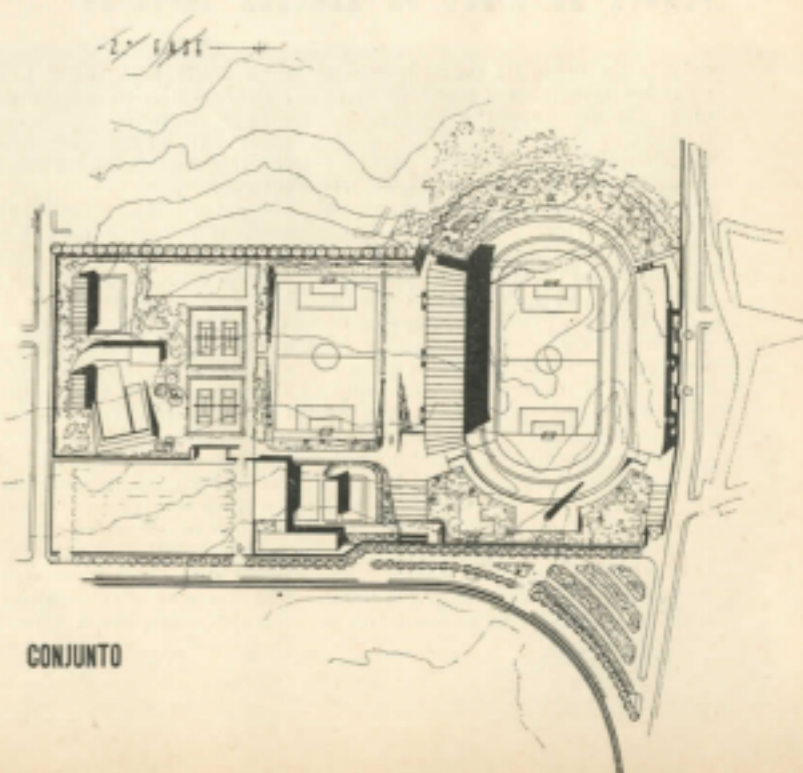
Projectou-se este estádio dividido em dois níveis de espectadores. Um mais baixo e com menor largura que envolve completamente as pistas de atletismo e outro superior e mais desenvolvido só a Nascente e Poente e que aproxima a forma do estádio da «forma ideal» do agrupamento do público em torno de um rectângulo de jogo. O Estádio ficará com a lotação aproximada de 33.000 espectadores assim distribuídos: camarotes 320; bancada central-superior 1.600; bancada central-inferior 1.100; bancada lateral-superior 1.350; bancada lateral-inferior 800; bancadas cabeceira 8.400; peão 18.000, podendo ainda quando as necessidades do Clube o exigirem, construir-se no topo Norte mais uma bancada cabeceira-superior, para aproximadamente 7.000 espectadores.

Esta distribuição foi objecto de um estudo cuidadoso, e feita de acordo com os representantes do Clube, que nos forneceram todos os dados relativos à exploração de um recinto desta natureza.

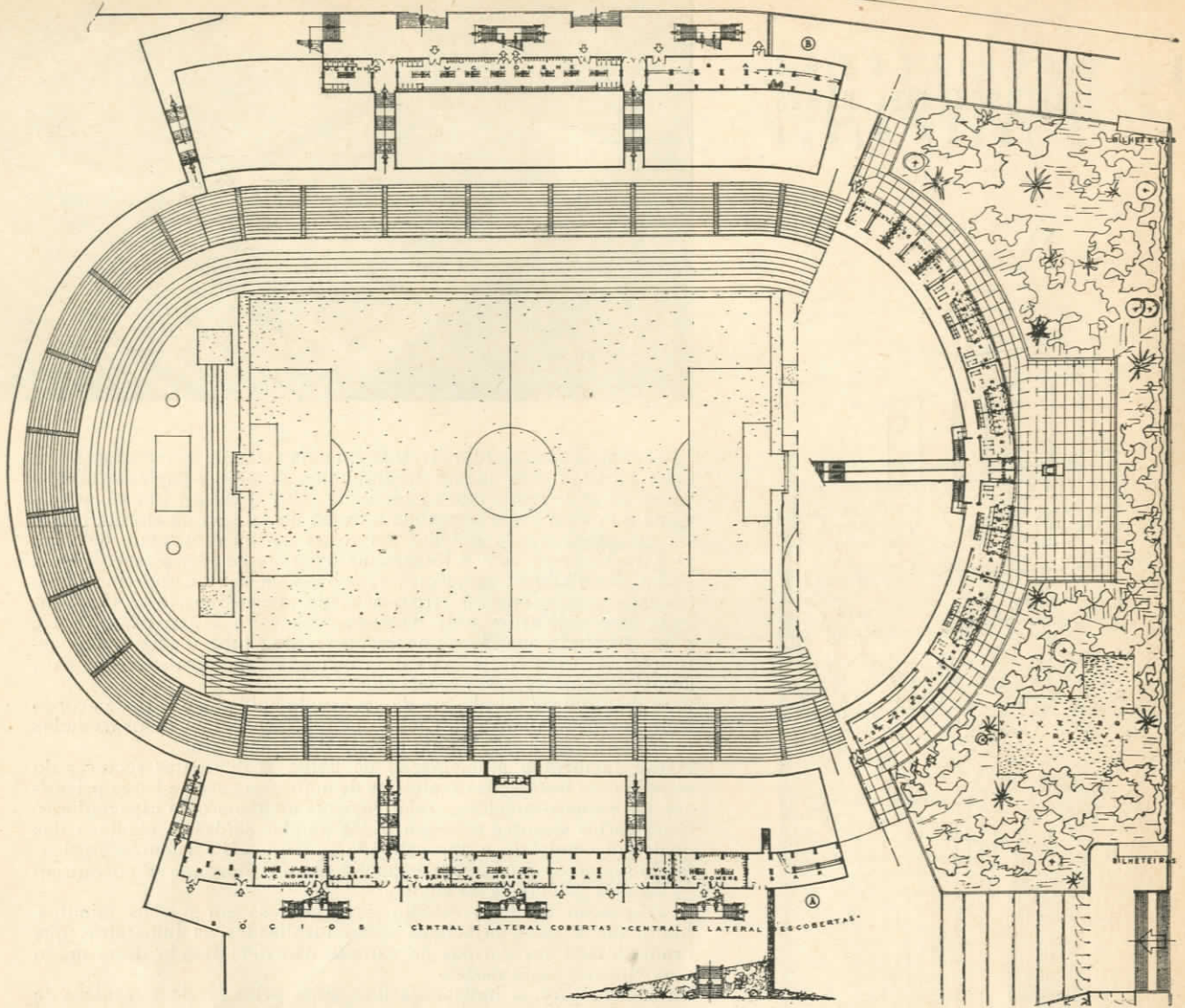
Houve também a preocupação de dotar os diferentes sectores do estádio com instalações sanitárias de ambos os sexos e bares privados, em número suficiente, relativamente ao número de espectadores. Estes vários sectores possuem todos amplas saídas, e algumas das quais em vomitório e aproveitando os desníveis existentes, e orientando sempre o movimento do público para o Sul, onde se encontram os acessos principais do campo.

A evacuação total do estádio deve fazer-se em poucos minutos. Junto aos acessos principais estão localizadas as bilheteiras que ficam ao lado dos portões de entrada não dificultando deste modo o movimento junto destes.

De acordo com as indicações fornecidas pelos serviços técnicos da Câmara Municipal de Lisboa, consideraram-se dois parques de auto-



CONJUNTO



PLANTA AO NÍVEL DA BANCADA INFERIOR

móveis de um e de outro lado das entradas principais e junto da principal via de acesso — Avenida do Restelo.

Considerou-se também a hipótese do acesso de carros oficiais, às tribunas que estão na zona da bancada central superior.

Devido à forte pendente do terreno foi necessário estudar o percurso mais favorável indicado em planta geral, e cuja máxima inclinação é da ordem de 12 ‰.

Criaram-se também desvios para o acesso de automóveis às entradas, libertando deste modo a via de grande circulação e o perfil transversal da Avenida do Restelo permite de futuro a circulação de eléctricos por esta artéria o que facilitará ainda mais o problema dos transportes.

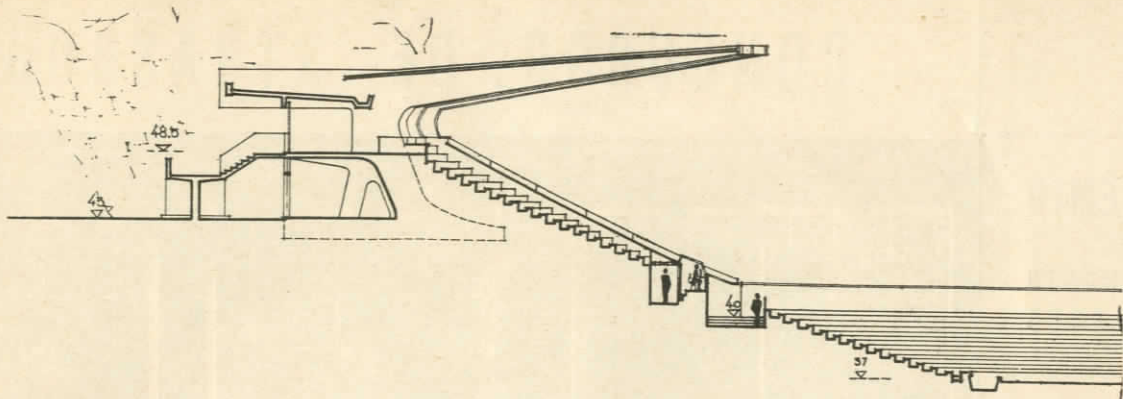
O acesso dos jogadores e do árbitro ao campo, é feito através de um túnel que une directamente os vestiários a

uma saída junto da baliza do lado Sul. Os vestiários dividem-se em dois grupos de um e de outro lado da zona central ocupada por hall e pelas instalações destinadas aos árbitros e juizes de linha.

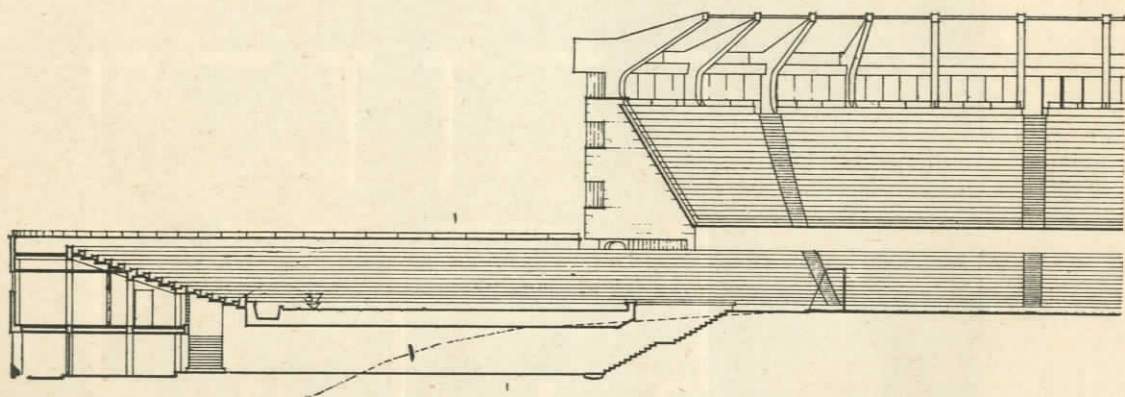
Cada vestiário colectivo (para uma equipa) possui 8 duches e 3 W. C. privativos além de 2 mesas de massagens. Existem 8 vestiários de futebol, 5 de atletismo (com 5 duches e 2 W. C.) e 3 de basket (com 5 duches e 2 W. C.). Além destas instalações existem ainda, no conjunto dos 2 pavimentos, a casa das equipas, arrecadações de material desportivo, aula de teoria de futebol, basket, etc., um hall de entrada e ainda um espaço de reserva. Construtivamente procurou-se sempre que possível reduzir o volume de construção e assim grande parte das bancadas (e algum peão) que constituem um 1.º nível, são assentes directamente sobre o terreno, excepto na zona Sul, onde

assenta sobre a construção dos vestiários, etc.

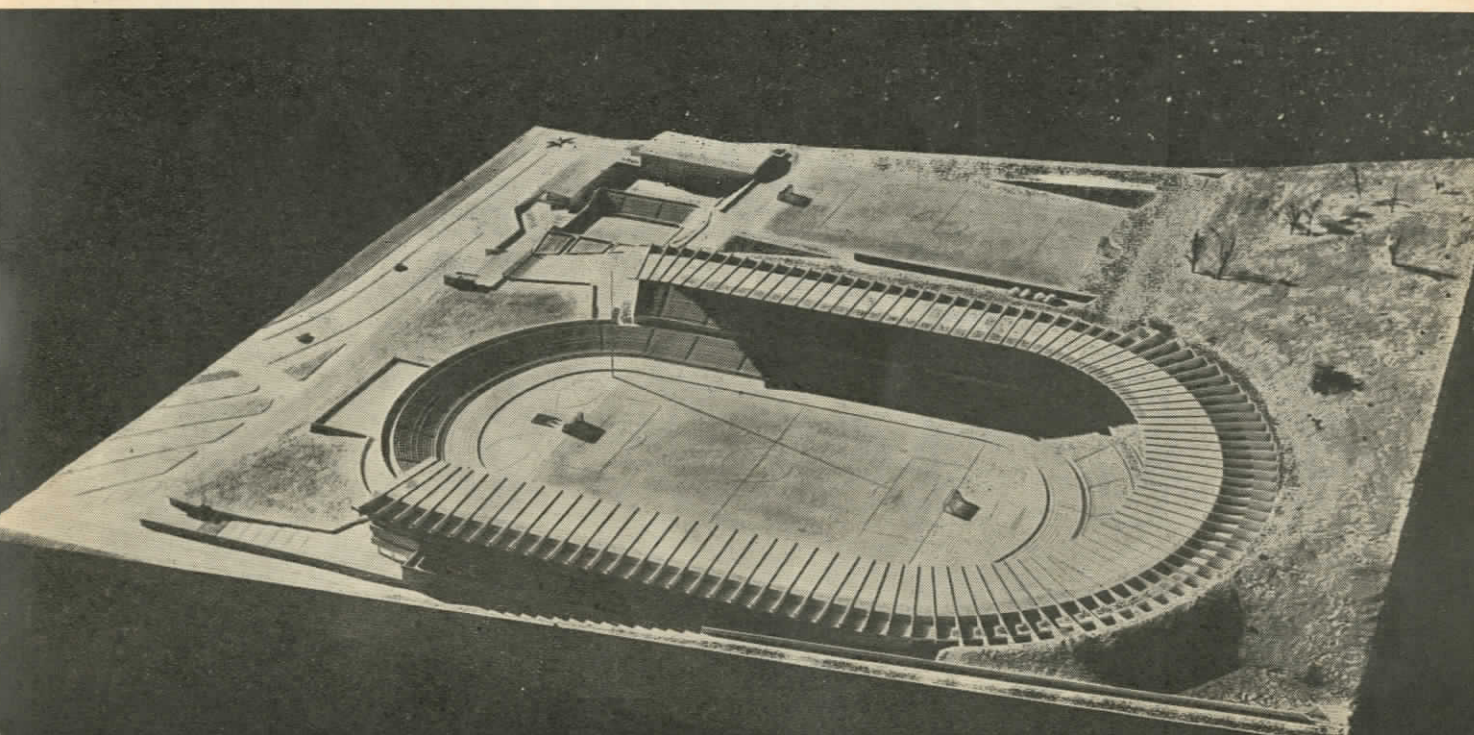
As zonas superiores destinadas ao público, uma a bancada coberta e a outra constituída pelo peão são também em grande parte construídas sobre o terreno com excepção das zonas destinadas às instalações do público, e algumas passagens em vomitório. O programa estabelecido fica assim distribuído por uma faixa de 7 m. de largura sob a bancada coberta de Poente e sob o peão a Nascente além de todo o corpo Sul. A construção será possivelmente de um sistema misto de alvenaria e betão armado visto que se por um lado toda a estrutura é em betão armado os movimentos de terras necessários provocam vários muros de suporte que serão de alvenaria aproveitando na medida do possível a pedra arrancada do local. A cobertura da bancada será também em betão, convenientemente impermeabilizada.



CORTE TRANSVERSAL



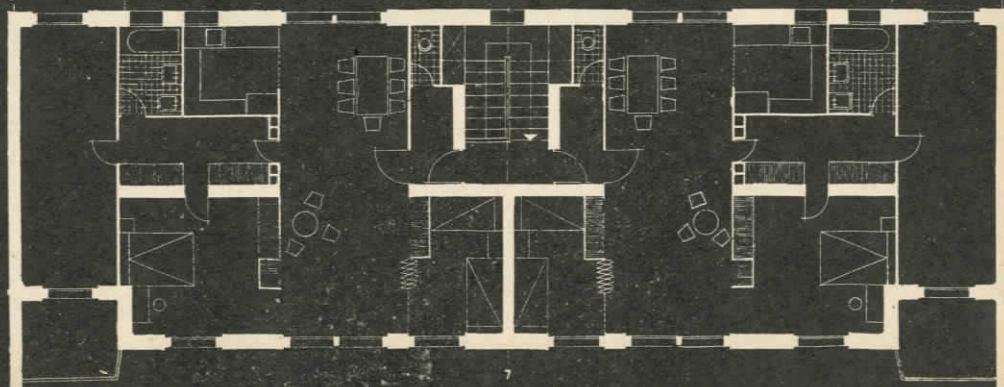
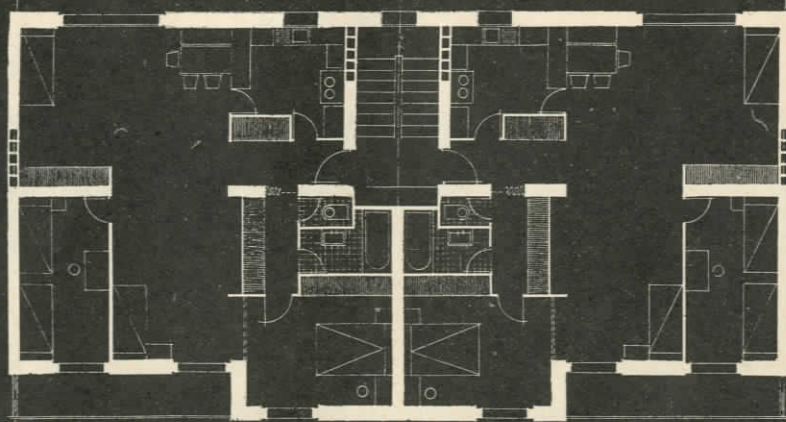
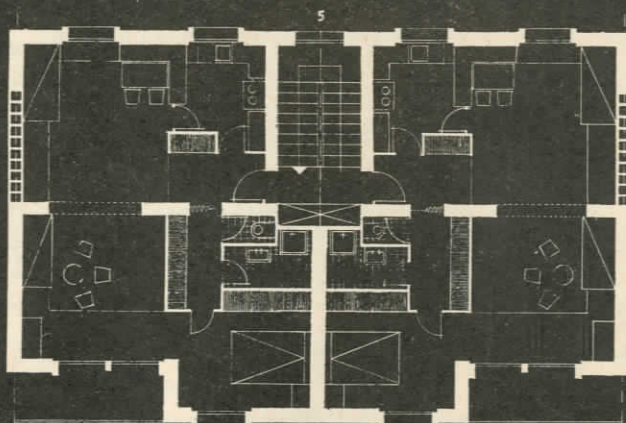
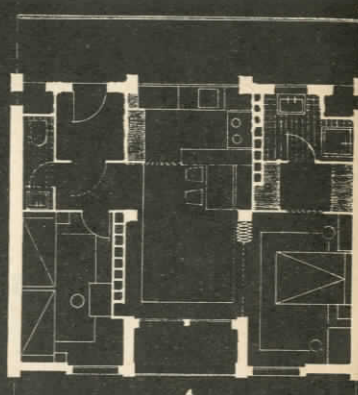
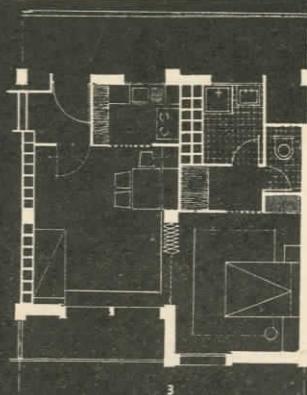
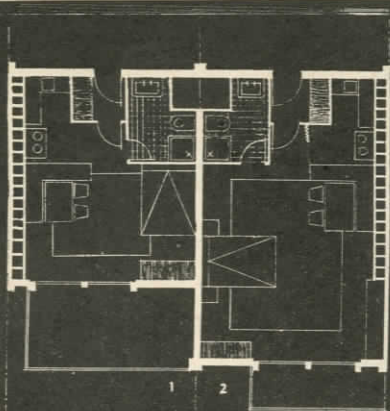
CORTE LONGITUDINAL

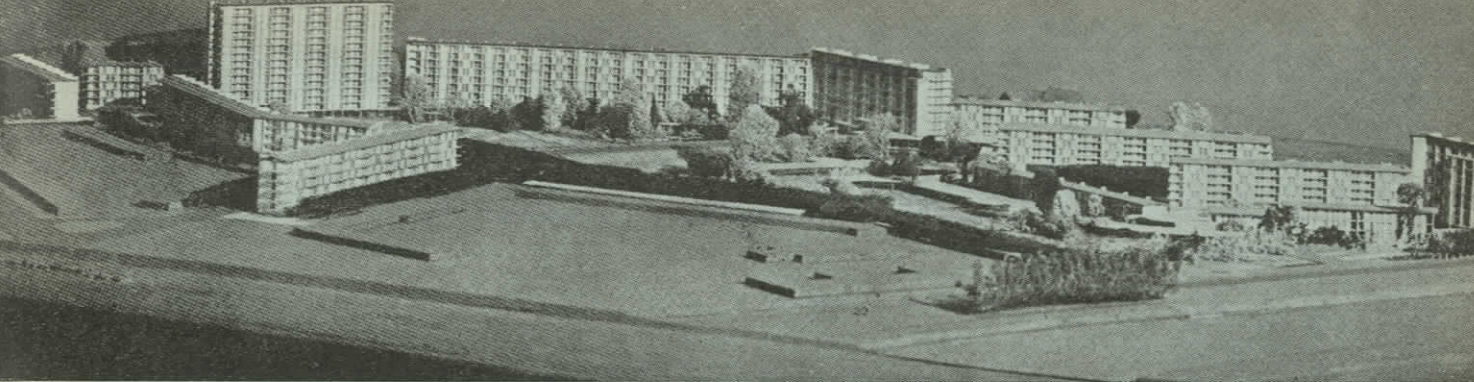


CONCURSO DE STRASBOURG

1.º PRÉMIO

E. BEAUDOIN
ARQUITECTO





O concurso que consiste na construção de 800 habitações em Strasbourg no sítio de «Rotterdam» perto do Reno foi organizado em Dezembro de 1950 pelo Ministério da Reconstrução e Urbanismo com o fim de baixar o preço da construção e de reduzir os prazos da execução; as construções projectadas de carácter experimental serão edificadas conforme um programa geral de condições técnicas resumidas a seguir. Este concurso foi aberto a todos os técnicos da construção agrupados em equipas constituídas por arquitectos, engenheiros, industriais e construtores. Uma coordenação estreita entre todos tanto para os estudos como para a execução foi imposta aos concorrentes. Esta coordenação poderia ser obtida ou por um grupo de arquitectos, ou por uma sociedade desempenhando o papel de directora, ou qualquer outra solução a propor. A preocupação dos concorrentes incidiu sobre a organização racional da obra e sobre a importância dos prazos de construção e do custo. Publicamos a seguir o programa do concurso:

Condições imperativas

Plano Geral — Os candidatos devem obedecer a:

- prever uma ligação S-N com uma largura de conjunto correspondente a duas correntes de circulação;
- prever a implantação duma escola primária com 20 aulas e quatro aulas maternais na parte ESTE do terreno.

Características e repartição dos alojamentos

Deverão ser previstos 7 tipos de apartamentos repartidos da seguinte maneira (tolerância: mais ou menos 10%):

4%	do tipo I	corresp. a 22 m ² de constr.	32	alojam.
8%	» II	» 30 m ² »	64	»
15%	» III	» 45 m ² »	120	»
25%	» IV	» 57 m ² »	200	»
30%	» V	» 68 m ² »	240	»
14%	» VI	» 82 m ² »	112	»
4%	» VII	» 96 m ² »	32	»
		Total	800	»

Estas superfícies não compreendem as partes comuns, tais como circulações; escadas, varandas ou outros espaços abertos para o exterior; cada alojamento deve comportar as superfícies necessárias para o repouso, o trabalho familiar a preparação de comidas, local para refeições, toilette, W. C. e circulações; o pé-direito não poderá ser inferior a 2,25 nas peças de habitação e nas cozinhas, e a altura mínima nos locais secundários, anexos ou caves poderá ser 2 m. As portas deverão ser feitas segundo pormenores tipo e o número de tipos de portas de entrada não deve passar de 3.

Equipamento dos locais

As condições de equipamento serão as seguintes:

- a) casa de banho separada do W. C.;
- b) tolerância para o tipo I e II onde será de admitir o W. C. na casa de banho.

O equipamento de cada habitação deverá além disso, comportar:

- uma distribuição de água quente e fria;
- um vazadouro de cozinha c/ esgoto;
- um duche ou uma banheira com equipamento para duche;
- um lavabo;
- uma bacia turca com descarga;
- corrente eléctrica com base de 25 Watts por m² e força motriz para as cozinhas;
- aquecimento, prevendo-se uma temperatura de 18° C. nas dependências principais e 16° C. nas dependências secundárias, para uma temperatura exterior de 14° C.;
- a partir de 2 andares, uma conduta de lixos; a partir do 4.º andar, uma conduta de lixos e elevador.

Processos de construção

Nos projectos os concorrentes terão liberdade de adoptar todos os processos de construção e todas as disposições que lhes parecerem convenientes, tanto para os toscos como para os acabamentos; os processos não tradicionais ou novos devem ser submetidos ao parecer do C. S. T. B.

Os edificios devem igualmente satisfazer a todas as sujeições de isolamento térmico, estabilidade e resistência previstas pelos regulamentos.

Preço e prazos de execução

O preço da construção compreendendo fundações e serviços comuns mesmo situados em anexo, não deverá ultrapassar para as 800 habitações, um bilião e 300 milhões de francos, (valor em Janeiro de 1951). Será permitida uma tolerância ± 10 habitações, estando prevista para cada habitação um valor mais ou menos de 1.625.000 francos.

Os trabalhos de arranjo do terreno, tais como acessos públicos e privados, as redes de esgoto, de água, de gaz, de electricidade, ajardinamentos e iluminação pública não fazem parte do projecto e devem ser estimados aproximadamente.

Os prazos da execução serão previstos de maneira tal que os 800 apartamentos possam ser entregues dentro do prazo de 18 meses depois da notificação da ordem de serviço prescrevendo o começo dos trabalhos.

Condições diversas

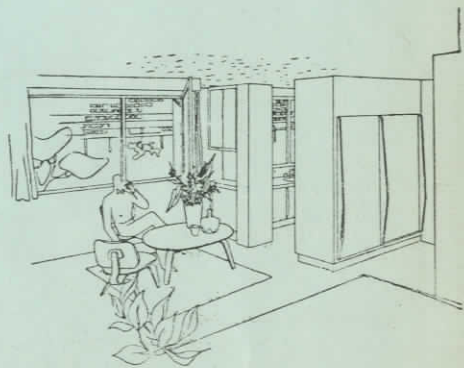
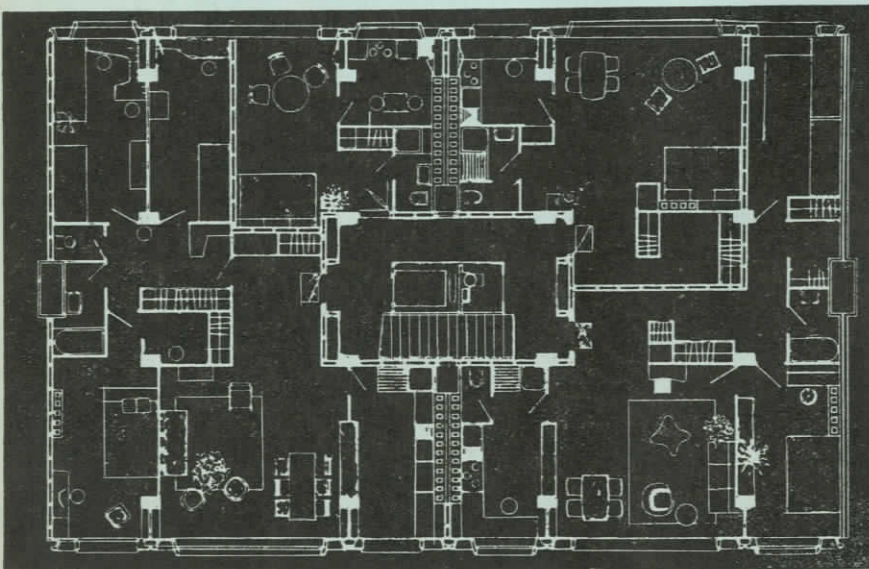
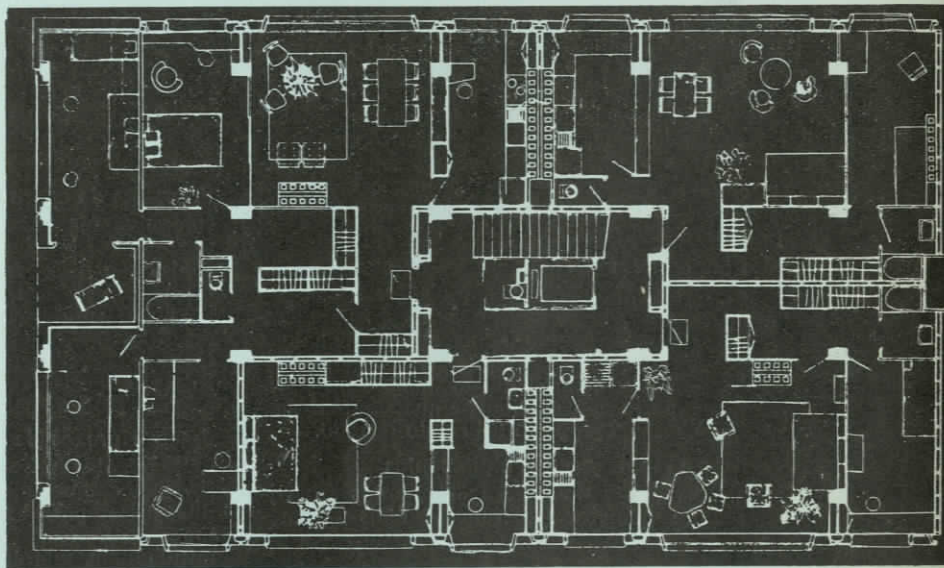
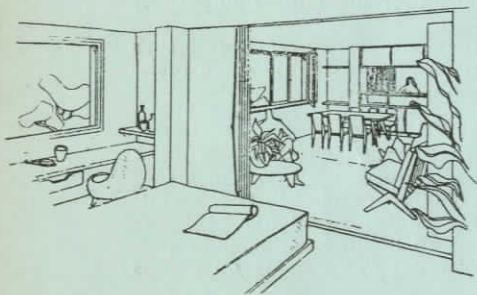
Os concorrentes devem-se submeter aos regulamentos sobre protecção contra incêndios em particular nos casos de imóveis elevados. O isolamento de som entre os diferentes andares deverá igualmente ser assegurado por uma maneira conveniente especialmente no que respeita a pavimentos.

Enfim, será de atender que as construções projectadas estão isentas de licenças, em especial os W. C. e casas de banho que poderão ser ventiladas por chaminés de ventilação e serem localizadas em posição central tais como as escadas, sem luz para o exterior, (tendo em atenção que as condições de ventilação sejam convenientes).



2.º PRÉMIO

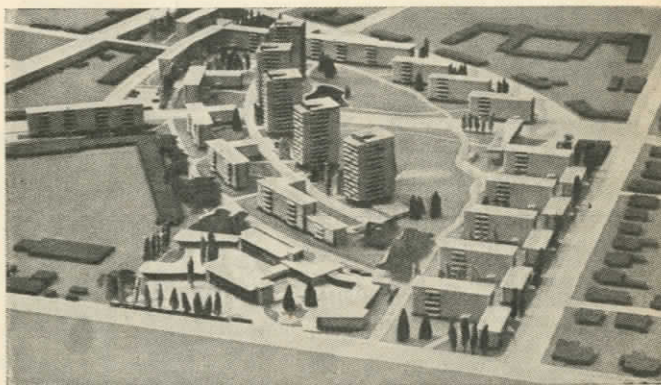
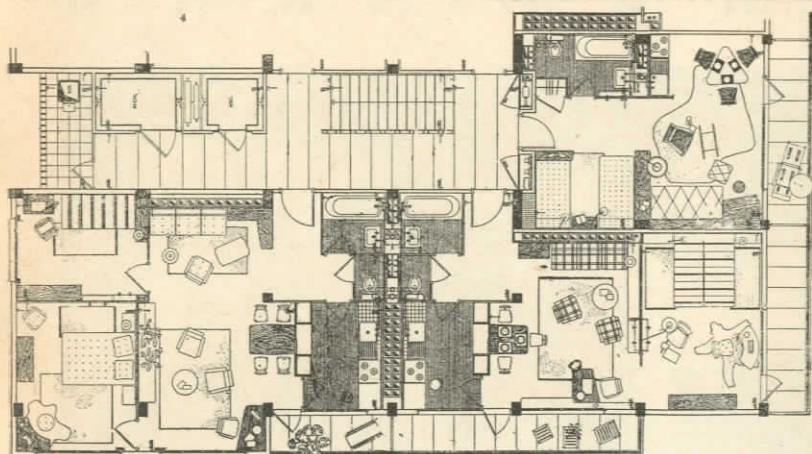
ZEHRFUSS E
SEBAG
ARQUITECTOS



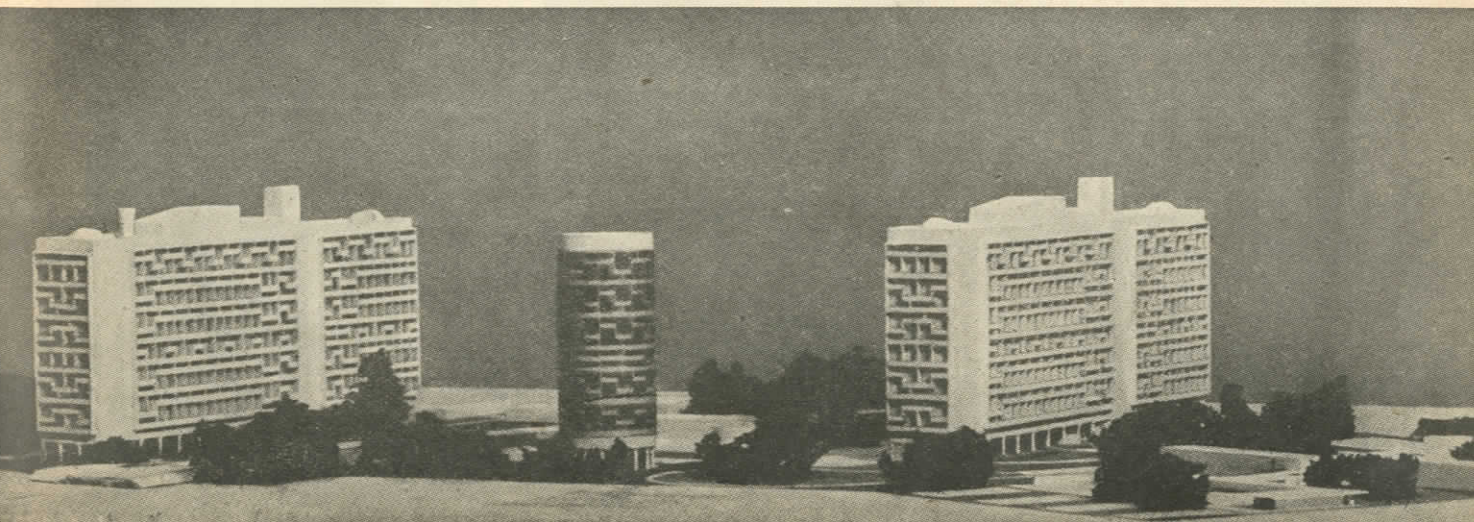
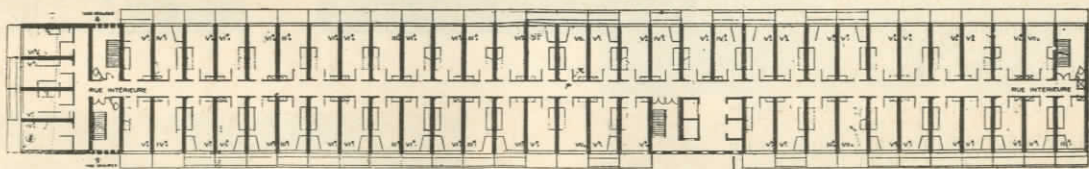
3.º PRÉMIO

J. FAYETON, HERRENSCHMIDT,
ARQS. CHEFES DO GRUPO

LAHALLE, MISBACH, BERST,
GROSSMANN, HATT, KAH,
MEYER, ARQUITECTOS



4.º PRÉMIO ARQUITECTO LE CORBUSIER



M O N T R A S E M L I S B O A



1



2

As montras que reproduzimos são da autoria dos artistas Fred Kradolfer, Roberto de Araújo, Carlos Ribeiro e Tom.

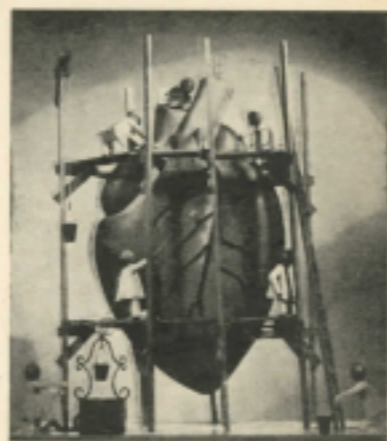
Pouco mais de uma dezena de fotografias chegam para demonstrar quanto é necessária a intervenção de artistas no arranjo de montras de estabelecimentos comerciais, sendo sempre de elogiar a sua actuação infelizmente entre nós pouco generalizada.

Os exemplos que se publicam são bem elucidativos de como a exposição de produtos para venda pode ser feita duma forma criteriosa e com um perfeito sentido estético valorizando grandemente não só o produto como também o estabelecimento que o apresenta.

A Fred Kradolfer e ao Instituto Pasteur de Lisboa se deve em grande parte o impulso dado neste sentido podendo mesmo afirmar-se que este artista iniciou em Portugal uma nova técnica de Publicidade.



3



4



5



6

1. Instituto Pasteur — Fred Kradolfer
2. Diário de Notícias — Tomaz de Melo (Tom)
3. Instituto Pasteur — Fred Kradolfer
4. Instituto Pasteur — Fred Kradolfer
5. Chocolates Regina — Carlos Ribeiro
6. Instituto Pasteur — Tomaz de Melo (Tom)
7. Instituto Pasteur — Fred Kradolfer
8. Instituto Pasteur — Fred Kradolfer
9. Perfumaria Zinília — Carlos Ribeiro
10. Instituto Pasteur — Fred Kradolfer



7



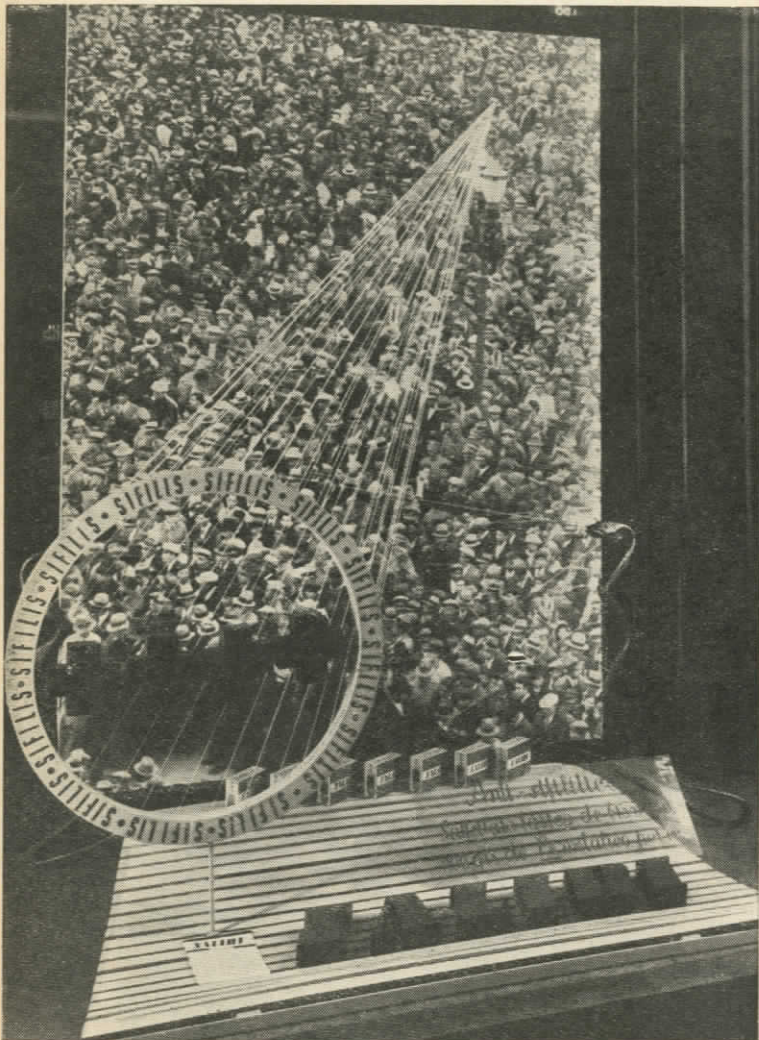
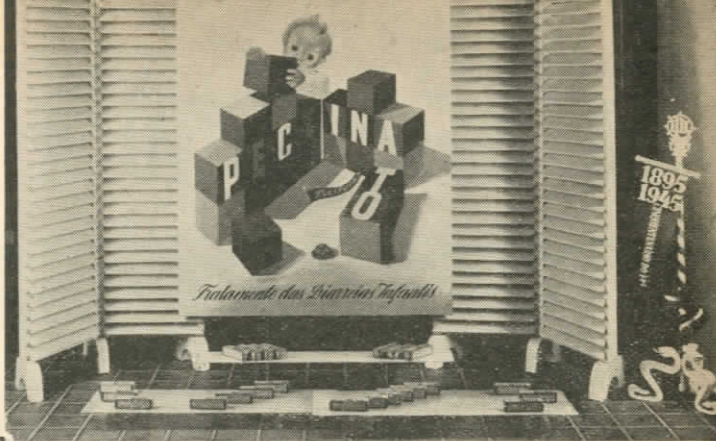
8



9



10



12

- 11. Instituto Pasteur — Fred Kredolfer
- 12. Instituto Pasteur — Roberto Araújo
- 13. Instituto Pasteur — Fred Kredolfer



13

O architecto Carlos Ramos que tem realizado uma obra digna do maior apreço como professor de architectura da E. B. A. P., foi agora nomeado director daquela Escola, em substituição de mestre Joaquim Lopes, que resignou as suas funções. A feliz renovação que se vem operando durante os últimos anos no velho estabelecimento de ensino artistico, terá no novo director — por certo — um impulsionador criterioso e entusiasta; e todos quantos se interessam pelo prestígio das Artes no nosso País, não podem deixar de se congratular com a escolha feita.

A revista architectura endereça ao novo Director da E. B. A. P. os seus cumprimentos

A Câmara Municipal de Lisboa, numa actuação digna de todos os louvores tem ultimamente distribuido projectos para conjuntos de ruas a grupos constituídos por Architectos. É certo que já anteriormente e dentro do mesmo critério se projectaram as Avenidas João XXI e Paris, que se podem hoje considerar duas das melhores artérias da cidade. Este sistema que tão bons resultados trouxe, parecia ter sido posto de parte pois que durante alguns anos e já depois da conclusão destas avenidas, voltou-se à construção de edificios sem qualquer estudo de conjunto.

E' pois com alegria que registamos ter ultimamente a Câmara encarregado de elaborar projectos para novos arruamentos os seguintes grupos de architectos:

Felipe Nobre de Figueiredo e José Segurado; João Simões, Huertas Lobo, Castro Rodrigues, Ernani Gandra e Celestino de Castro; Formosinho Sanches e Rui Athouguia; Henrique Albino, Craveiro Lopes e Croft de Moura.

C. I. A. M. — cursos de verão — O Conselho do C. I. A. M. reunido em Hoddesdon em Julho de 1951 acolheu a proposta do grupo italiano e decidiu que a escola de verão do C. I. A. M. tivesse lugar em Veneza. Os cursos serão feitos no Instituto Universitário de Architectura, de 10 de Setembro a 10 de Outubro de 1952. A direcção será confiada aos architectos Albini, Gordella, Rogers e Somana. Programa dos cursos: desenvolvimento dum tema architectural ou urbanistico focando um ponto concreto da cidade de Veneza; conferências de professores, visitantes italianos e estrangeiros sobre temas de interesse geral; visita a monumentos de Veneza e dos arredores, acompanhados de lições alusivas ao local; no fim do curso haverá exames criticos dos projectos por uma Comissão incluindo além da Direcção, Aalto, Le Corbusier, e outros architectos eminentes. A frequência do curso será sancionada pela entrega dum diploma.

Regras de Admissão aos cursos: A escola está aberta aos estudantes dos dois sexos que tenham completado o último ano de estudos, e aos architectos que não tenham obtido o diploma além de dois anos.

As pessoas que desejem seguir os cursos deverão enviar um pedido ao grupo C. I. A. M. ou escrever directamente à Escola. Em todo o caso é necessário que a apresentação do candidato seja acompanhada de referências sobre a sua situação escolar e sobre a actividade por ele desenvolvida.

A Empresa de Pesca de Aveiro abriu recentemente concurso entre architectos portugueses para um projecto de remodelação do edificio da sua Séde.

«Architectura» não pode deixar de registar com simpatia este facto, pois sempre tem pugnado para que esse sistema de trabalho seja mais generalizado entre nós, onde ainda é vulgar projectarem-se não só edificios públicos como até monumentos destinados a praças públicas sem que para tal seja realizado qualquer concurso.

E' pois para elogiar a iniciativa desta Empresa particular.

«**Building For Daylight**» — Richard Sheppard And Hilton Wright Ed. George Allen & Unwin Ltd. — Começa este estudo por uma introdução em que John Gloag fala dos modelos de janelas inglesas desde a época saxónica até aos tipos de guarnição metálica usados hoje.

Segue-se a exposição das exigências de iluminação e salubridade a que deve atender-se quando se estudam as habitações unifamiliares e multifamiliares (flats), os hotéis, as escolas e centros administrativos, as fábricas, os hospitais, as estações de caminho de ferro e os aglomerados urbanos.

O texto reduz-se ao essencial, sendo a maior parte do livro ocupada com desenhos e esquemas bastante elucidativos, o que facilita deveras a sua consulta no atelier, evitando assim uma prévia leitura longa e demorada para obter uma síntese, o que exige muito tempo, que infelizmente falta quase sempre.

•

«**Arquitectura**» — N.º 37 — Continuamos a receber esta esplendida revista mexicana onde se encontra a mais actualizada informação. Este número trás uma larga documentação sobre a Bienal de S. Paulo, notícias sobre duas modernas casas edificadas no México, uma por Jorge Rubio, outra por Mário Pani, e sobre uma residência estudada por Neutra em Los Angeles. Inclui ainda o projecto de blocos multifamiliares (sistema duplex), e artigos sobre jardins modernos no Pedregal, sobre uma exposição de arte de Le Corbusier realizada no Museu de Arte Moderna de S. Paulo, e sobre a escultura e a pintura mexicanas actuais. E o que é sintomático do desenvolvimento industrial do país, a notícia sobre um novo material sintético, o *Fibracel*.

•

«**Sinkentiku**» — Continuamos a receber esta revista japoneza que aparece remodelada, com maior formato, maior número de páginas, e nada menos que 4 folhas reproduzindo pormenores, não tendo em nada diminuído o interesse que justamente despertou desde o primeiro número que nos foi enviado.

•

«**A Arquitectura Portuguesa**» — Com o maior prazer anunciamos a remodelação total porque passou a revista antes chamada «Cerâmica e Edificação». A alteração consistiu essencialmente numa apresentação artística mais conforme com o gosto actual, pois anteriormente já incluía artigos de interesse e fornecia exemplos de boa arquitectura, embora agora se note uma selecção mais cuidada.

•

«**A Tribuna**» — Continuamos com agrado a receber este progressivo jornal de Luanda. E' da maior justiça chamar a atenção de todos os sinceros amigos da cultura para este exemplo de jornalismo sério onde cabem em cabeçalho as palavras:

Nós queremos que a tribuna seja: — nos dominios do pensamento, o ideal da verdade realizada, e, no campo da vida, uma escola de carácter.

Merece o maior acolhimento uma tentativa de divulgação cultural como esta, pois os seus problemas são os de todos os homens, em Angola como em Portugal onde infelizmente não há qualquer publicação semanal ou quinzenal que possa de longe comparar-se com a *Tribuna*.

•

«**Modern Technique In Paintng & Decorating**» — John Parry Ed. Longmans, Green and C.º. — Neste livro estudam-se os processos de pintura, as técnicas do verniz e do esmalte, o polimento e enceramento das madeiras, a metalização, as letras decorativas e a heráldica, o revestimento das paredes com papéis, e mesmo meios hoje condenados como a imitação do mármore e da pedra conseguida por meio de brochas e pentes. O autor descreve os instrumentos aplicados e os vários acidentes a que está sujeita a decoração das superfícies, e os meios de os evitar. Numerosos desenhos ilustram e procuram aclarar o texto.

•

«**Timber Building In England**» — Fred Grossley — Ed. Batsford — E' um livro de grande formato onde a arquitectura de madeira é encarada na sua evolução histórica, desde o que se pode imaginar com base em testemunhos indirectos da Pré-história, até aos espécimens perfeitamente conservados e utilizados de há um século.

Em boas fotografias e cuidados desenhos podemos notar a variedade de soluções obtidas com a madeira, e os resultados por vezes muito felizes sob o ponto de vista artistico, a utilização da madeira em estruturas, paramentos, portas, janelas, guarnições, aplicações ornamentais, talha figurativa, tetos, em edificios religiosos, militares, em pontes, moinhos e casas rurais. Usada só, ou o que é mais frequente em combinação com o tijolo, o aparelho de silharia rústica ou regular, e as paredes caiadas.

A Inglaterra revela-se um país de rica arquitectura de madeira, que pela variedade e riqueza dos espécimens, merece pelo menos tanta atenção por parte dos historiadores da arte, como a de pedra.

•

«**Vivendas Portuguesas**» — Projectos — pormenores — Arq. Edmundo Tavares. — Foi com alegria que vimos aparecer nas montras de algumas livrarias um livro de Arquitectura portuguesa de autoria dum architecto também português, mas foi com profunda mágua que verificámos ser esta obra mais uma contribuição para um mau esclarecimento do publico.

Acreditamos na boa intenção do autor ao apresentar um tão vasto número de exemplos que supomos serem sua concepção, mas acreditamos também que só um profundo desconhecimento da função do Architecto e da Arquitectura, possa levar à publicação duma obra tão medíocre que no nosso parecer só poderá servir como exemplo do que não se deve fazer.